

## **A LITERATURA E O CAMPO DO POSSÍVEL: DELEUZE E A EXPERIMENTAÇÃO**

## **LITERATURE AND THE POSSIBLE FIELD: DELEUZE AND EXPERIMENTATION**

Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci

DOI: [https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2023v25n1\\_a06](https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2023v25n1_a06)

**RESUMO:** Esse ensaio procurará pensar a importância atribuída por Gilles Deleuze às experimentações literárias, compreendendo-as como um espaço de abertura para outras possibilidades de pensar e de viver. Nesse sentido, ao reivindicar a necessidade da filosofia de se aproximar dessas experimentações de cunho literário, a fim de escapar de certo marasmo criativo que a dominava e abrir um novo campo de pensamento, Deleuze se insere em uma tradição francesa de filosofia cuja influência sobre seus contemporâneos não pode ser desprezada. Para além de marcar essa filiação, procuraremos pensar a importância concedida à literatura no interior do corpus deleuziano, bem como salientar as implicações políticas de seu uso pelo autor de *Diferença e Repetição*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gilles Deleuze; Literatura; Experimentação.

**ABSTRACT:** This essay discusses about the importance attributed by Gilles Deleuze to the literary experimentation, understanding it as an opening space for other possibilities of thinking and living. In this sense, by claiming the need for philosophy to approach these literary experimentations, in order to escape from a certain creative stagnation that dominated it and open a new field of thought, Deleuze inserts himself in a French tradition of philosophy whose influence on his contemporaries cannot be ignored. In addition to marking this affiliation, we will try to think about the importance given to literature within the deleuzian corpus, as well as emphasize the political implications of its use by the author of *Difference and Repetition*.

**KEYWORDS:** Gilles Deleuze; Literature; Experimentation.

## Introdução

Quando da publicação de *Tristes Trópicos*, em 1955, os organizadores do prestigioso prêmio literário *Goncourt*<sup>1</sup> cogitaram laurear Claude Lévi-Strauss com, ao menos, uma menção honrosa. Marcado por uma linguagem mais fluída, com momentos de digressão poética raramente observados em um texto de teor acadêmico, *Tristes Trópicos* conquistou um raro estatuto: ao mesmo tempo em que marcou seu campo de saber, influenciando toda uma geração de etnólogos e selando o destino dessa disciplina, o relato também conseguiu atingir um vasto público de não especialistas, por conta tanto de seu lirismo singular quanto de suas experimentações poéticas<sup>2</sup> recebendo um reconhecimento antes conferido apenas a algumas poucas obras literárias. Como compreender esse singular destino de *Tristes Trópicos*? De algum modo, conforme pontuou Vincent Debaene em *Adeus à viagem: a etnologia francesa entre ciência e literatura*<sup>3</sup>, os etnólogos sempre primaram por um modo expositivo mais cativante, valendo-se para tanto de uma linguagem poética interessada na criação de uma ambiência narrativa capaz de permitir ao/a seu/sua leitor/a vivenciar uma relação mais próxima com as comunidades por eles retratadas, mormente aquelas distantes da cultura ocidental de matriz europeia. Essas experimentações escriturais levadas a cabo pelos etnólogos, ainda assim, ocupavam um segundo plano, sendo consideradas algo acessório ou de menor relevo.

Lévi-Strauss, por seu turno, ousou na adoção de recursos estilísticos como nunca, valendo-se de artimanhas antes restritas ao campo literário apenas, a fim de produzir esse efeito de proximidade almejado por tantos colegas, colocando a preocupação com o estilo narrativo em um local de destaque. À época, os organizadores do prêmio *Goncourt* lamentaram não poder conferir sequer uma menção honrosa ao livro em questão, visto se tratar de um escrito de não-ficção, mas a mera referência à obra por parte de seus

---

<sup>1</sup> O *Prêmio Goncourt* é uma das premiações literárias mais prestigiosas na França, concedido ao melhor romance em prosa publicado no ano corrente em língua francesa. Dentre os laureados, encontramos célebres literatos como Marcel Proust, André Malraux, Julien Gracq, Simone de Beauvoir, Marguerite Duras etc.

<sup>2</sup> Silva, 1999.

<sup>3</sup> Debaene, 2010.

organizadores tornou-a um sucesso de vendas sem precedentes. A comoção causada por *Tristes Trópicos*, a despeito da qualidade de sua forma literária e de suas análises etnográficas, foi algo realmente surpreendente, mas não inusitado, sobretudo se levarmos em consideração que, muito antes, alguns célebres filósofos franceses já haviam ousado cruzar suas fronteiras disciplinares a fim de trazer para o interior de suas obras algumas experimentações de cunho literário. As experimentações escriturais com as quais o público leitor de Lévi-Strauss se deparou, portanto, não configuravam uma novidade propriamente dita.

Se considerarmos a tradição filosófica francesa, notamos que essa relação das ciências humanas com a literatura perdura há séculos. De Montaigne, Pascal, Jean-Jacques Rousseau e Sade, até Georges Bataille e Jean-Paul Sartre, afora tantos outros, amiúde deparamos com pensadores que ousaram expor seu pensamento a partir de um estilo singular, flertando com elementos da seara literária, quando não desenvolvendo literatura propriamente<sup>4</sup>, e conferindo à filosofia francesa um traço inventivo que lhe distanciaria das demais tradições filosóficas<sup>5</sup>. Lévi-Strauss, por conseguinte, inseriu-se em uma tradição francesa de pensamento bem longínqua e frutífera. Debaene<sup>6</sup>, uma vez mais, não apenas nota tal fato, como sugere que, sem essa tradição filosófica pregressa, quiçá *Tristes Trópicos* jamais tivesse existido. Ora, não se trata aqui de defender a precedência das experimentações filosóficas com a literatura em detrimento daquela conduzida pelo etnólogo francês, mas observar a existência de uma tradição de pensamento, marcadamente francesa, que há séculos flerta com o campo literário visando modular sua escrita e, com isso, inventar um outro meio expressivo, mais aberto e dinâmico. Henri Bergson, notando essa tradição, insiste que essa preocupação com a linguagem seria a grande marca distintiva da filosofia realizada por seus conterrâneos:

---

<sup>4</sup> Dois filósofos franceses, aliás, já foram agraciados com a mais alta honraria literária, o Prêmio Nobel, Henri Bergson, em 1927, e Jean-Paul Sartre, em 1964. A premiação de Sartre, autor de obras literárias como *A Idade da Razão*, era algo passível de justificação, diferente de Bergson que jamais escreveu uma obra literária, tendo sido agraciado por conta da qualidade de suas reflexões sobre o tempo.

<sup>5</sup> Bergson, 2006.

<sup>6</sup> Debaene, 2010.

Os filósofos franceses não escrevem para um círculo restrito de iniciados; eles se dirigem à humanidade em geral. Se, para medir a profundidade de seus pensamentos e para compreendê-la plenamente é preciso ser filósofo e sábio, todavia, não há homem cultivado que não esteja em estado de ler suas principais obras e de tirar delas algum proveito. Quando eles tiveram necessidade de novos meios de expressão, eles não os procuraram, como se fez em outros lugares, na criação de um vocabulário especial (operação que acaba por encerrar, em termos artificialmente compostos, ideias incompletamente digeridas), mas antes num conjunto engenhoso de palavras usuais, que dão a estas palavras novas nuances de sentido e permite-lhes traduzir as ideias mais sutis ou mais profundas. [...] A necessidade de resolver as ideias e mesmo os sentimentos em elementos claros e distintos, que encontram seus meios de expressão na língua comum, é característica da filosofia francesa desde suas origens<sup>7</sup>.

Engenho, eis talvez o termo chave para compreendermos a defesa dessa tradição filosófica francesa feita por Bergson. Há, no encontro da filosofia com a literatura, o compartilhamento de um interesse comum, qual seja: a lapidação de uma habilidade inventiva no uso das palavras. Essa habilidade, construída a muito custo e a partir de inúmeras experimentações escriturais, não visa criar palavras novas, mas conferir novos sentidos a termos usuais, deslocando-os de seus sentidos canônicos visando produzir um efeito de estranhamento em seu/sua leitor/a. Esse efeito, almejado tanto por filósofos/as quanto por literatos/as, marcaria o caráter experimental da empreitada filosófico-literária francesa, a busca pela construção de uma poética ao mesmo tempo próxima, visto não se valer de termos artificialmente compostos, e distante, uma vez que confere novas nuances a termos corriqueiros. Foi o flerte com o espaço literário, por conseguinte, que possibilitou à filosofia renovar os seus meios expressivos, aproximando-a do linguajar comum e tornando-a um exercício corriqueiro, embora nada trivial ou superficial, manifesto nas obras de Montaigne, Rousseau e tantos outros. Ao invés de pensar o ofício filosófico como algo restrito a especialistas, os pensadores franceses, caso aceitemos o veredicto de Bergson, procuraram compartilhar suas reflexões por meio de uma poética própria, recuperando expressões vulgares e conferindo-lhes novas nuances. A filosofia, pois, procurava se aproximar da vida cotidiana, expressivamente ao menos<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Bergson, 2006, p. 268.

Deparamos, em Lévi-Strauss, com preocupação análoga, *Tristes Trópicos* buscava tornar acessível ao grande público o exercício etnológico e, para tanto, ousou se valer de uma forma expressiva mais aberta e acessível, dialogando com a humanidade em geral ao invés de um restrito círculo de especialistas. Como paga, o etnólogo acabou por renovar seu campo de saber e, além disso, possibilitou pensar o deslocamento produzido pelas comparações etnológicas não apenas como algo material, derivado do contato imediato do/a pesquisador/a com uma outra cultura, mas como algo que se concretiza também no espaço da escrita. Essa observação permite que, longe de desmerecer o etnólogo francês e a sua inventividade, reivindicando em seu lugar a precedência das experimentações filosóficas com a literatura, atentemos para algo que o caso Lévi-Strauss torna incontestado: a renovação de um campo de pensamento passaria, impreterivelmente, por uma renovação expressiva do mesmo, pelo diálogo travado com experimentações expressivas conduzidas por outros campos disciplinares. Foi na abertura da etnologia, sempre representada como uma ciência rígida, para um campo exterior, literário, que a renovação da disciplina se processou, levando em consideração um movimento que a filosofia francesa ensaiava desde séculos passados. No caso da filosofia, por seu turno, os/as autores/as acima arrolados foram fulcrais para a construção de uma filosofia francesa inventiva e só o conseguiram às custas de modularem sua linguagem, abrindo-a para experimentações literárias as mais diversas quando não ousando eles próprios desenvolverem literatura.

Se recuperarmos essa discussão, o fazemos visando demonstrar o quanto Gilles Deleuze esteve inserido naquela mesma tradição filosófica apontada por Bergson e cuja influência sobre outros tantos pensadores contemporâneos, como Lévi-Strauss, não podem ser desprezados<sup>8</sup>. Anos depois do lançamento de *Tristes Trópicos*, o filósofo francês insistiria na importância de pensarmos a renovação da filosofia como algo que deveria seguir, *pari*

---

<sup>8</sup> Essa preocupação, por seu turno, pareceu preocupar filósofos de outras tradições, como é o caso de David Hume que defendia a necessidade da filosofia se aproximar das conversas de salão. Para um diagnóstico desse movimento na tradição filosófica de língua inglesa, remetemos o leitor ao livro *A forma e o sentimento do mundo: jogo, humor e arte de viver na filosofia do século XVIII*, de Márcio Suzuki (2014).

<sup>9</sup> Quanto ao caso de Lévi-Strauss, esse ensaio dá início a um projeto de maior fôlego, interessado em pensar os diálogos possíveis entre a obra do antropólogo francês e o corpus deleuziano – sendo o conceito de bricolagem, forjado por Lévi-Strauss em *O pensamento Selvagem* e recuperado por Deleuze em sua obra escrita conjuntamente com Guattari, *Mil Platôs*, o elemento mais marcante desse diálogo possível.

*passu*, a renovação expressiva empreendida em outras áreas de saber; buscando, para tanto, modular sua linguagem, por meio do flerte com experimentações escriturais desenvolvidas sobretudo no campo literário. Um livro de filosofia, argumentou à época o autor de *Diferença e Repetição*, deveria soar como uma espécie de romance filosófico, preocupado com a investigação de determinado problema, bem como um livro de ficção científica, apontado para outras coordenadas de possíveis. Deleuze, podemos afirmar, com essa sua curiosa defesa, apenas expressou o espírito de uma época, como o caso de Lévi-Strauss bem o demonstra.

Deleuze, naquele momento, foi além, ao insistir que a filosofia, caso desejasse escapar de certo marasmo inventivo que lhe tomou de assalto – fruto de uma função repressora exercida sobretudo pela História da Filosofia<sup>10</sup> –, precisaria assumir um tom mais experimental e estabelecer um diálogo com a não-filosofia – conforme jargão que se consolidaria décadas depois em *O que é a Filosofia?*, escrito em parceria com Félix Guattari<sup>11</sup> –, pois só assim conseguiria atingir uma zona obscura, desconhecida, a partir da qual seria possível qualquer aprendizado e/ou invenção filosófica. Não se trata, atentamos, de propagandar a criação de novas palavras, novos termos – ainda que a filosofia, conforme defendeu o filósofo, fosse marcada pela invenção conceitual –, mas insistir na necessidade de construção de uma outra poética, por meio da qual antigos termos ganham

---

<sup>10</sup> Essa discussão transparecer em alguns momentos da obra de Deleuze. No caso de *Diferença e Repetição*, em seu prólogo, lemos: “Aproxima-se o tempo em que já não será possível escrever um livro de Filosofia como há muito se faz: “Ah! o velho estilo...”. A pesquisa de novos meios de expressão filosófica foi inaugurada por Nietzsche e deve prosseguir, hoje, relacionada à renovação de outras artes, como, por exemplo, o teatro ou o cinema. A este respeito, podemos, desse já, levantar a questão da utilização da História da Filosofia. Parece-nos que a História da Filosofia deve desempenhar um papel bastante análogo ao da colagem numa pintura. A História da Filosofia é a reprodução da própria Filosofia. Seria preciso que a resenha em História da Filosofia atuasse como um verdadeiro duplo e que comportasse a modificação máxima própria do duplo. (Imagina-se um Hegel filosoficamente barbudo, um Marx filosoficamente imberbe, do mesmo que uma Gioconda bigoduda) Seria preciso conseguir apresentar um livro real da Filosofia passada como se tratasse de um livro imaginário e fingindo” (Deleuze, 1988, p. 18).

<sup>11</sup> Em *O que é a Filosofia?*, seus autores defenderem: “A filosofia precisa de uma não-filosofia que a compreenda, ela precisa de uma compreensão não-filosófica, como a arte precisa da não-arte e a ciência da não-ciência. Elas não precisam de seu negativo como começo, nem como fim no qual seriam chamadas a desaparecer realizando-se, mas em cada instante de seu devir ou de seu desenvolvimento. (...) É aí [pensamento não-pensante] que os conceitos, as sensações, as funções se tornam indiscerníveis, ao mesmo tempo que a filosofia, a arte e a ciência, indiscerníveis, como se partilhassem a mesma sombra, que se estende através de sua natureza diferente e não cessa de acompanhá-los” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 279).

novos contornos problemáticos, novas nuances<sup>12</sup>. Essa preocupação deleuziana se manifestou com precisão na entrevista concedida à Claire Parnet, na qual lemos: “[...] gritar ‘viva o múltiplo’ não é ainda fazê-lo, é preciso fazer o múltiplo. E não basta dizer ‘abaixo os gêneros’, é preciso escrever efetivamente de tal modo que já não existam ‘gêneros’”<sup>13</sup>. A literatura, para Deleuze, possuía uma função vital nessa tarefa, não por outro motivo o filósofo insistiu na necessidade de pensar um tratado filosófico como um gênero literário.

Dado esse preâmbulo, iniciado com uma cena trivial envolvendo um contemporâneo de Deleuze, propomos pensar os modos como o autor de *Diferença e Repetição* articula as experimentações literárias com a abertura de um novo campo de possíveis. Esse ensaio, portanto, tangenciará duas frentes: em primeiro lugar, discutiremos a relevância da literatura no interior do pensamento deleuziano e deleuzo-guattariano, prosseguindo com uma análise desenvolvida alhures<sup>14</sup> e privilegiando o momento no qual a aproximação do campo literário e a clínica aparece pela primeira vez em seu pensamento, ao tratar da obra de Sacher-Masoch; e, por fim, buscaremos pensar o quanto a renovação expressiva almejada por Deleuze em suas obras tangencia uma função política fundamental, coligada à experimentação de outro campo de possíveis, atrelada a uma função fabuladora eminentemente política.

### **Deleuze e a literatura: por uma pragmática do pensamento**

Para que serve a literatura? É com uma tal indagação que Deleuze, em *O Frio e o Cruel*, inicia sua análise de Sacher-Masoch, autor que, conforme diagnóstico deleuziano, acabou injustamente relegado ao esquecimento, tendo sua obra atrelada ao destino da de seu conterrâneo, Sade, em uma síntese dialética apressada promovida por algumas leituras

---

<sup>12</sup> A pedagogia do conceito, proposta por Deleuze e Guattari (1992), assim o denota. A criação conceitual, para os autores, responde a “problemas que se consideram mal vistos ou mal colocados” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 28). Por vezes, para a criação conceitual almejada por Deleuze e Guattari, basta o deslocamento de uma noção para um outro plano de composição, a conexão com pedaços ou componentes de outros conceitos, tudo motivado pela necessidade de se responder a novos problemas. Não se trata tanto de inventar palavras, antes planos e problemas, só assim conseguimos de fato criar conceitos.

<sup>13</sup> Deleuze; Parnet, 2004, p. 28.

<sup>14</sup> Referência Omitida.

clínicas que tenderam a considerar o sujeito masoquista como complementar ao sujeito sádico, gerando a dita unidade sadomasoquista. Embora Deleuze enseje promover uma outra via de acesso ao pensamento de Sacher-Masoch, insistindo ser necessário “recomeçar tudo”<sup>15</sup> e proceder com uma leitura atenta às especificidades da obra masochiana, também podemos considerar seu estudo do masoquismo como um tratado teórico sobre as potências da literatura. Pela primeira vez, conforme nota Catarina Pombo Nabais<sup>16</sup>, deparamos com a hipótese deleuziana de que a literatura deve ser compreendida também como uma clínica. Tal hipótese, uma contante no corpus deleuziano e deleuzo-guattariano, surge naquele momento atrelada às discussões sobre a sintomatologia que, gradativamente, acabarão sendo abandonadas<sup>17</sup>.

Para Deleuze, a sintomatologia seria uma arte comum tanto à clínica médica quanto à crítica literária, uma arte interessada em apreender sintomas que acometem existências individuais e/ou coletivas e delinear quadros sintomáticos. Considerada uma espécie de ponto neutro – ou pré-medicinal –, no qual médicos, psiquiatras, artistas e doentes se encontram, sem qualquer precedência do saber de um sobre o do outro<sup>18</sup>, a sintomatologia precede tanto a etiologia, a procura pelas causas, quanto a terapêutica, a aplicação de um tratamento. Por esse motivo, a sintomatologia aparece em Deleuze como uma espécie de fundamento, a base para a constituição de uma clínica seja ela de ordem médica ou não. Ora, Deleuze, ao traçar essa aproximação, demonstra imediatamente a necessidade da

---

<sup>15</sup> Deleuze, 2009, p. 14.

<sup>16</sup> Nabais, 2013.

<sup>17</sup> Para Nabais (2013), as discussões sobre a sintomatologia cederão espaço para aquelas acerca dos agenciamentos coletivos de enunciação, em um primeiro momento, e sobre a efetividade do acontecimento na derradeira obra de Deleuze, escrita em parceria com Félix Guattari, *O que é a Filosofia?* De acordo com a comentadora, esse abandono ocorre concomitante com o apagamento das discussões em torno do signo que marcaram a obra de Deleuze produzida na década de 1960, ainda atreladas a certa leitura fenomenológica.

<sup>18</sup> Em uma entrevista, concedida à época do lançamento de *O Frio e o Cruel*, Deleuze insistiu nessa noção de sintomatologia como ponto neutro, chegando inclusive a sugerir que, algumas vezes, o escritor enquanto sintomatologista consegue ir além do clínico no diagnóstico de certos sintomas: “É ainda muito frequente considerar que o escritor traz um caso à clínica, ao passo que o importante é aquilo que ele próprio, enquanto criador, traz à clínica. A diferença entre literatura e clínica, o que faz que uma doença não seja a mesma coisa que uma obra de arte é o gênero de trabalho que é feito sobre o fantasma. Em ambos os casos, a fonte – o fantasma – é a mesma, mas, a partir daí, o trabalho é muito diferente, sem comum medida: o trabalho artístico e o trabalho patológico. Muitas vezes, o escritor vai mais além do que o clínico e, até mesmo, do que o doente” (Deleuze, 2006, p. 173).

literatura para construção desse espaço clínico outro e, ainda, reafirma a precedência das experimentações literárias sobre, inclusive, a intervenção médica. Diz-nos o filósofo francês:

Há uma história das doenças, que desaparecem, regridem, retornam ou mudam de forma, segundo o estado das sociedades e os progressos da terapêutica. Mas, imbricada nessa história, existe uma outra que é a da sintomatologia, e que ora precede, ora segue as transformações da terapêutica ou da doença: batizam-se, desbatizam-se, agrupam-se de outra forma os sintomas. Desse ponto de vista, o progresso geralmente se faz no sentido de uma maior especificação, indicando uma sintomatologia mais refinada [...]. Quando um médico dá o seu nome a uma doença, trata-se de um ato ao mesmo tempo linguístico e semiológico dos mais importantes, na medida em que se liga um nome próprio a um conjunto de signos, ou se faz com que um nome próprio conote signos<sup>19</sup>.

Para Deleuze, a construção de um quadro clínico necessita passar pelo delineamento de seus sintomas, pelo agrupamento de signos em torno de um ato de fala que irá denotar a doença que acomete indivíduos ou coletividades, como é o caso do sadismo e/ou do masoquismo. Por esse motivo, podemos afirmar, a literatura, desde as primeiras análises deleuzianas<sup>20</sup>, possui uma função clínica fundamental, espaço vital que não pode ser desconsiderado e, por esse motivo, não pode ser menosprezada, considerada mero entretenimento ou reles fantasia.

De imediato, notamos que Deleuze não busca pensar o ser ou a essência da literatura, sua preocupação não recai sobre a pergunta o que é a literatura, antes lidamos com uma preocupação em pensar a sua utilidade e, no limite último, sua efetividade. Não por outro motivo, para Anne Sauvagnargues<sup>21</sup>, essa aproximação demonstra a impossibilidade de pensarmos uma autonomia da obra de arte no interior do corpus deleuziano. De fato, em nenhum momento de sua obra, a obra de arte surge como um objeto autônomo, estando sempre presa a um campo pragmático, utilitário, normalmente ligado à clínica. A literatura não é uma essência que paira exterior ao pensamento, com suas regras próprias e seu modo

---

<sup>19</sup> Deleuze, 2009, p. 18.

<sup>20</sup> Ao longo de sua obra, entretanto, o estatuto da literatura modifica-se sensivelmente, conforme notam Catarina Pombo Nabais (2013) e Bernard Benit (2022). A despeito das mudanças passíveis de serem esboçadas, literatura e clínica são constantemente apontadas como indissociáveis em Deleuze.

<sup>21</sup> Sauvagnargues, 2006.

singular de ser, mas um espaço no qual o pensamento se efetiva, experimentando a si próprio. A utilidade da literatura, se seguirmos aquilo que Deleuze pontuará na primeira edição de *Proust e os Signos*, decorre do campo experimental concedido ao exercício do pensamento, por esse motivo a literatura possui uma íntima relação com a própria filosofia.

O campo literário permite ao pensamento explorar suas potencialidades, experimentar outros possíveis e, com isso, possibilitar a erupção de problemas sensíveis capazes de modificar o espaço do real. Conforme nota Bernard Benit<sup>22</sup>, em seu instigante *Deleuze: L'usage de l'art*, a literatura aparece sempre como uma experiência possível em Deleuze, uma experiência sensível que aponta para outras possibilidades de pensamento e de vida; possibilidades virtuais, reais sem serem atuais, conforme fórmula proustiana recuperada em *Diferença e Repetição*<sup>23</sup>. Nesse sentido, em um diálogo enviesado com Jean-Paul Sartre<sup>24</sup>, Deleuze se preocupa em pensar como a literatura pode se relacionar com o real, interpelando-o e nele intervindo, por meio da atualização de elementos virtuais que ganham concretude nas experimentações literárias que, por sua vez, podem servir como laboratório para a criação conceitual empreendida pela filosofia. Deleuze insistirá que a criação conceitual implica também na criação de modos de vida<sup>25</sup>, sendo ambas tarefas que ocorrem concomitantemente.

Por esse motivo, a literatura se aproxima tanto da clínica e da filosofia. Ela possibilita experimentarmos outros modos de pensar e viver, possibilita experienciar uma outra saúde, uma vida afastada dos preconceitos e dos juízos que condicionam nossa existência. Em *Sacher-Masoch*, Deleuze insistiu que apenas a literatura pode libertar a clínica dos preconceitos que a circundam. Em sua concepção:

---

<sup>22</sup> Benit, 2022.

<sup>23</sup> Deleuze, 1988, p. 335.

<sup>24</sup> Catarina Pombo Nabais (2013), ao comentar as relações entre filosofia e literatura em Deleuze, nota o quanto o autor de *Diferença e Repetição*, nesse primeiro momento de sua obra, busca dialogar com certa fenomenologia do campo literário presente nas obras de Sartre (2015) acerca da Imaginação e do Imaginário. O rompimento com essa fenomenologia, na concepção da autora, ocorrerá apenas quando da segunda edição de seu *Proust e os Signos*, momento no qual Deleuze se valerá de uma outra abordagem, maquinica e transversalista, marcada por suas discussões com Félix Guattari.

<sup>25</sup> Deleuze, 2016, p. 245.

Sendo o julgamento clínico cheio de preconceitos, devemos recomeçar tudo, e de um ponto situado fora da clínica, o ponto literário, a partir do qual, aliás, foram denominadas as perversões em questão [sadismo e masoquismo]. Não por acaso o nome de dois escritores serviu à designação; pode ser que a crítica (no sentido literário) e a clínica (no sentido médico) estejam fadadas a entrar em novas relações, num ensino recíproco. A sintomatologia diz sempre respeito à arte. As especificidades clínicas do sadismo e do masoquismo não são separáveis dos valores literários próprios de Sade e de Masoch<sup>26</sup>.

Posteriormente, ainda que a ideia de sintomatologia seja deixada de lado por Deleuze, essa preocupação em pensar o quanto a arte possibilita promover uma outra clínica perdurará. Escrita e vida, conforme defenderá posteriormente, possuem uma conexão imediata e todo escritor, de algum modo, sempre será aparentado de um médico, “um médico de si próprio e do mundo”<sup>27</sup>. Por esse motivo, prossegue Deleuze:

A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (haveria aqui a mesma ambiguidade que no atletismo), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde tornaria impossíveis<sup>28</sup>.

O afastamento da sintomatologia, quiçá tenha ocorrido concomitante ao afastamento de Deleuze de certa compreensão fenomênica sobre o campo literário, conforme argumenta Nabais<sup>29</sup>, como se o escritor apreendesse o fenômeno, os sintomas, que rodeiam o mundo. Tal afastamento, por seu turno, não impediu que o empreendimento literário continuasse sendo considerado por Deleuze como algo próximo da clínica, mas agora lidamos não com uma clínica interessada na apreensão dos sintomas, a manifestação de uma doença qualquer, e sim com uma clínica que experimenta outros modos de vida e de pensamento. A recusa de Deleuze em pensar a literatura como sintomatologia, portanto, não implica deixar de considerar que ela possui uma função e uma efetividade – uma pragmática, portanto -, mas busca pensá-las a partir de um outro registro, aquele da experimentação.

---

<sup>26</sup> Deleuze, 2009, p. 14.

<sup>27</sup> Deleuze, 2007, p. 14.

<sup>28</sup> Deleuze, 2007, p. 13-14.

<sup>29</sup> Nabais, 2013.

Em certa ocasião, Deleuze<sup>30</sup> definiu a experimentação como o exercício mesmo do pensamento e, ainda, considerou ser a arte o local próprio para realização dessas experimentações. De algum modo, a arte possibilita ao pensamento experimentar a si próprio, reencontrar a potência própria que o faria renovar os modos de pensar e viver. Romper com as amarras lógicas que nos impedem de pensar o impensado, bem como ultrapassar o campo experiencial atrelado à uma série de juízos que limitam nosso campo de ação. Essa experimentação, por seu turno, produz efeitos, tanto naqueles/as que escrevem, quanto naqueles/as que leem, como insiste Deleuze em seu *Proust e os Signos*:

[...] uma experimentação artística produzida pela literatura, de um efeito literário, no sentido em que se fala de um efeito elétrico, eletromagnético etc. Que a arte seja uma máquina de produzir, e notadamente de produzir efeitos, disso Proust teve plena consciência; e efeitos sobre os outros, visto que os leitores ou espectadores se porão a descobrir, neles mesmo ou fora deles, efeitos análogos aos que a obra de arte produziu<sup>31</sup>.

A literatura, por esse motivo, possui uma função ímpar, qual seja: propiciar ao pensamento um espaço de experimentação no qual ele pode ir além dos limites que lhe foram impostos no campo do real, acessando outras tantas virtualidades que carregam modos outros de pensar e viver. Ora, essa experimentação, por si só, mais do que apenas apontar para uma outra ideia de clínica e possibilitar à filosofia renovar a si própria, carrega uma outra concepção de política.

### **O lastro político da experimentação literária**

Em *O Frio e o Cruel*, ao aproximar literatura e clínica, Deleuze pontua também as implicações políticas dessa inclinação. Dentro dos romances de Sade e Masoch, as relações contratualistas e o corpo de leis são postos em questão a todo o momento, em prol de uma outra sociabilidade, de uma outra comunidade. Qual o problema das leis e do contrato para Deleuze? Em primeiro lugar, ambas seriam expressão de uma espécie de natureza segunda,

---

<sup>30</sup> Deleuze, 2016.

<sup>31</sup> Deleuze, 2010, p. 145.

ou seja, hábitos impostos ou adquiridos que, para sua manutenção, muitas vezes se valem da força e ou de uma justificativa exterior que as sustentem – como a ideia de Bem, pontuada por Deleuze<sup>32</sup>. Nesse sentido, em comentário ao campo das leis especificamente, Deleuze retoma Sade e demonstra a radicalidade das experimentações sadianas. O autor de *A Filosofia na Alcova*, para Deleuze, demonstraria o caráter arbitrário e artificial das leis, o seu vazio essencial.

[...] A lei não é primeira. É apenas um poder segundo e delegado, depende de um princípio mais elevado que é o Bem. Se os homens soubessem o que é o Bem ou soubessem a ele se conformar, não precisariam da lei. A lei é apenas o representante do Bem num mundo que ele de certa forma abandonou<sup>33</sup>.

Chamamos a atenção do leitor para a ideia de que a lei, tal qual o contrato, buscará ocupar o lugar de um vazio, um vazio instaurado quando da perda de relação com o mundo. Essa perda, por seu turno, lançou-nos em uma situação que Deleuze descreverá como uma situação de pura escravidão, uma vez que, deixando de experimentar o mundo, acabamos sendo obrigados a nos submeter a ideias artificiais de caráter regulatório por meio da força ou pelo desejo de escaparmos de qualquer tipo de represália. Perdemos nossa liberdade de experimentarmos o mundo em prol de uma conformação às leis e ao contrato tal qual adotado pelos membros de uma comunidade. Ora, deparamos aqui com o principal elemento político que doravante irá nortear as discussões sobre literatura empreendidas por Deleuze. Os heróis sádicos e masoquistas, ao perverterem as leis e os contratos, responsáveis por nos colocar em uma situação de pura escravidão<sup>34</sup>, reivindicam ocupar o vazio instaurado pela perda de relação com o mundo, sem a mediação das leis e dos contratos. Ousam, em outros termos, reivindicar para si o mundo. Essa reivindicação, entretanto, ocorre no espaço da própria escrita literária, por meio da literatura Sade e Masoch não apenas subvertem a lei e o contrato, como esboçam uma outra ideia de comunidade.

---

<sup>32</sup> Deleuze, 2009, p. 81.

<sup>33</sup> Deleuze, 2009, p. 81.

<sup>34</sup> Deleuze, 2009, p. 91.

A discussão sobre a perda da relação com o mundo, tal qual apresentada acima, aparece de forma superficial em *O Frio e o Cruel*, mas ganhará novos contornos com as demais obras de Deleuze, mormente aquelas escritas em parcerias com Guattari, na qual a literatura aparecerá como portadora de uma função política ímpar, qual seja: inventar um povo que falta. Em *A literatura e a vida*, Deleuze insistirá nesse ponto ao afirmar:

A saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta. Compete à função fabuladora inventar um povo. [...] não é um povo chamado a dominar o mundo. É um povo menor, eternamente menor, tomado num devir-revolucionário. Talvez ele só exista nos átomos do escritor, povo bastardo, inferior, dominado, sempre em devir, sempre inacabado<sup>35</sup>.

Em suma, a literatura propicia um espaço de experimentação no qual podemos fabular um outro povo, uma outra comunidade, cuja existência não encontra referência no mundo real a não ser como uma potência virtual. Experimentar essa outra ideia de comunidade, ousar pensá-la, pode produzir um efeito tanto naqueles/as que escrevem quanto naqueles que leem. Ora, se a literatura, ao realizar suas experimentações, atualiza uma potência virtual, ela pode permitir a nós vislumbrar um outro possível. No espaço da escrita, pois, experimentamos pensar esse outro possível e essa, em Deleuze, seria a marca política maior das experimentações literárias. Levar para a filosofia um pouco desse poder fabulador, por seu turno, implicaria renovar o campo filosófico, levando-o a ocupar o vazio agora instaurado por leis e contratos impostos à força. Implicaria, pois, tirá-la do conformismo ao qual a História da Filosofia a submeteu, exigindo dela que pense para além dos limites que lhe impostos e, com isso, crie uma relação com o mundo. Reside aqui, pois, a importância política da literatura, bem como a necessidade da filosofia com ela dialogar, uma vez que, conforme insistem Deleuze e Guattari, “acreditar neste mundo, nessa vida, tenha se tornado nossa tarefa mais difícil, ou a tarefa de um modo de existência por descobrir, hoje, sobre nosso plano de imanência”<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> Deleuze, 2007, p. 14.

<sup>36</sup> Deleuze; Guattari, 1992, p. 99.

## **Considerações Finais**

Ao insistir na importância da literatura para a filosofia, Deleuze não se diferenciou de tantos outros de sua geração, pelo contrário, apenas se inseriu em uma longa tradição que concebia a filosofia como uma atividade inventiva. Sem dúvida, tal qual Lévi-Strauss, o autor de *Diferença e Repetição* sabia da necessidade de flertar com as experimentações literárias para renovar sua área de saber. A grande diferença para com os de sua geração, talvez decorra do fato de que Deleuze não apenas teorizou sobre esses usos do campo literário pela filosofia, mas também estabeleceu um intenso diálogo teórico com as experimentações empreendidas por autores como Kafka, Sacher-Masoch, Sade e tantos outros. Sintomatologistas, em um primeiro momento, depois apenas pensadores preocupados em inventar um povo que falta, as experimentações literárias empreendidas por esses autores possibilitaram ao filósofo francês vislumbrar outros campos possíveis de pensamento, por ousarem estabelecer uma outra relação com o mundo por meio de seus escritos; uma relação não mediada por qualquer ideal regulador, uma relação marcada pela experimentação apenas. De fato, não podemos entender a filosofia de Deleuze sem levarmos em conta o diálogo travado com a não-filosofia, mormente com a literatura. Em certo momento de sua obra, Deleuze passará a discutir com outras artes, como a pintura e o cinema, mas a literatura sempre permanecerá ocupando um lugar de destaque em seu pensamento.

## **Referências Bibliográficas**

BENIT, Bernard. **Deleuze**: l'usage de l'art. Paris : L'Harmattan, 2022.

BERGSON, Henri. **A filosofia francesa**. In: Trans/Form/Ação, São Paulo, n. 29, v. 2, p. 257-271, 2006.

DEBAENE, Vincent. **L'Adieu au Voyage** : l'ethnologie française entre science et littérature. Paris : Éditions Gallimard, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Trad. Roberto Machado e Luiz Orlandi. São Paulo: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Dois Régimes de Loucos**. Trad. Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles. **O Frio e o Cruel**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Trad. de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

NABAIS, Catarina Pombo. **Gilles Deleuze**: philosophie et littérature. Paris : L'Harmattan, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a Literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

SAUVAGNARGUES, Anne. **Deleuze et l'art**. Paris : PUF, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves. “O sentir das estruturas e as estruturas do sentir: a poesia que lévistrouxe”. *In: Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 42, n.1-2, p. 77-96, jan.-dez. 1999.

SUZUKI, Márcio. **A Forma e o Sentimento do Mundo**: jogo, humor e arte de viver na filosofia do século XVII. São Paulo: Editora 34, 2014.

**Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci** é professor no Departamento de Filosofia e História da Educação-DEFHE da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrado (2014) e Doutorado (2019) em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio pós-doutoral (2020) pela Universidade de São Paulo (USP). Integrante dos grupos de pesquisa CNPq: PHALA - Grupo de Pesquisa Educação, Linguagem e Práticas Socioculturais (UNICAMP); OLHO - Laboratório de Estudos Audiovisuais (UNICAMP); Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Subjetividade (NEPECS-UEMG) e Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ciências Humanas e Outros Sistemas de Pensamento (UNIMONTES). Integrante do GT Deleuze Guattari da ANPOF. Desenvolve trabalhos de pesquisa abordando a correlação entre Filosofia, Arte e Educação.

*Recebido em agosto de 2023*

*Aprovado em dezembro de 2023*